

**TRÊS LITERATOS E UM CONFLITO: A GUERRA DO PARAGUAI (1865-1870)
SOB OS OLHARES DE MACHADO DE ASSIS, VISCONDE DE TAUNAY E
PEREIRA DA SILVA.**

TIAGO GOMES DE ARAÚJO*

O presente exercício reflexivo pretende apresentar as interpretações históricas sobre a Guerra do Paraguai sinalizadas por três literatos brasileiros do século XIX: Machado de Assis, Visconde de Taunay e Luiz José Pereira da Silva.

Nesse sentido, proponho a interface necessária entre História e Literatura, tendo em vista as estratégias narrativas que historiadores e literatos utilizaram para a análise das experiências vivenciadas no passado. Pensar as fontes literárias como sugestivo material de pesquisa histórica se converte, portanto, em norteamento imprescindível para o estudo qualitativo da Guerra do Paraguai e suas vertentes interpretativas.

Para tanto, apontar a riqueza da literatura como fonte e material de trabalho para o historiador, indicando as peculiaridades das condições nas quais os autores selecionados (Machado de Assis, Visconde de Taunay e Pereira da Silva) produziram seus escritos e quais as imagens de Brasil foram ou não apreoadas em suas linhas. Quais os Brasis se mostram e se escondem em suas enunciações de identidades formuladas a partir do conflito travado contra o Paraguai?

Esse esforço valeu-se da análise da relação interdisciplinar que marca tanto o fazer histórico quanto o discurso literário. A literatura pelo olhar da história fala ao historiador sobre as possibilidades, sociedades imaginárias e projetos inconclusos, compreendendo-se num lugar privilegiado, espaço da ordem e da desordem, traduzindo anseios de mudança e mecanismos de permanência.

Moldada nos parâmetros oitocentistas a história apresenta-se como saber construído com critérios metodológicos, que remetem a evidências dos acontecidos e se articulam ao longo do tempo, promovendo versões dos fenômenos. A literatura é uma produção que, mesmo tendo compromisso direto com a “realidade”, admite a invenção como maneira de sugerir o passado, mantendo vínculo irrestrito com a boa solução estética, sem, contudo, ser um espelho do mundo ou desmentir a inventividade (MIGNOLO, 1993: 115-162).

* Doutorando pelo *Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília* (PPGHIS-UnB).

Os historiadores dos *Annales* contribuíram para a renovação do debate interdisciplinar, propondo limites e abrangências das práticas discursivas particulares, dando plausibilidade e transparência aos trabalhos que conduzem à interdisciplinaridade, tratando a literatura como meio social privilegiado de linguagem (REIS, 2000).

Para Chalhoub (1998: 7-10) “é preciso desnudar o rei, tomar a literatura sem reverências, sem reducionismos estéticos, dessacralizá-la, submetê-la ao interrogatório sistemático”. Ação que se converte numa obrigação do ofício de historiar: “para historiadores a literatura é, enfim, testemunho histórico”.

A obra literária deve ser encarada como evidência histórica. Atentar para a especificidade de cada testemunho, das condições de produção e da lógica textual: “ao historiador resta descobrir e detalhar” as linhas interpretativas tanto de “uma página em livro de atas, ou de um depoimento em processo criminal, quanto as de um conto, crônica ou outra peça literária”. O interrogatório sobre as intenções do sujeito e as representações elaboradas pelo escritor enquanto testemunha ocular do passado são instâncias que não devem ser desprezadas (CHALHOUB, 1998: 8).

A literatura enquanto evidência do “movimento da sociedade” e das “redes de interlocução social” se converte em objeto da história social quando apontamos as experiências vividas no passado como uma “rede de ações e relações interdependentes”, elaboradas na construção relacional com a sociedade, modificada pela atuação dos sujeitos (CHALHOUB, 1998: 7-10).

Se o texto histórico tenta produzir uma versão convincente e próxima o mais possível do acontecido, o texto literário não deixa de levar em conta essa aproximação. Embora a trama seja, em si, criação absoluta do autor, ela busca atingir este efeito de apresentar uma versão também plausível e coesa (PESAVENTO, 1999: 820-831).

Esse debate é importante, pois opero diretamente com duas formas de discurso. Sendo assim, somos levados a crer que história e literatura são duas versões do mesmo conjunto de eventos que podem ser imaginados, não havendo razão para o historiador invocar para si a autoridade de oferecer a explicação verdadeira do que aconteceu. Mesmo porque o tempo se humaniza na medida em que se articula com um modo narrativo e o relato alcança sua plena significação, quando se torna uma condição da existência temporal (LIMA, 1998: 61-87).

Por isso não devemos perder de foco a especificidade do fazer histórico, bem como do discurso literário; mas nos parece extremamente pobre querer separá-los pura e simplesmente em nome de um viés científico. Uma boa solução – a meu ver – seria a utilização das duas formas entrelaçadas (feitas as ressalvas e as cautelas), construindo uma interpretação acerca da realidade social que abarque vários modos de pensar e agir dos grupos sociais.

Vale ressaltar que o evento guerra é pensado como espaço de construção/formação cotidiana da identidade nacional brasileira oitocentista, mas especificamente o conflito que envolveu Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai entre 1865 e 1870. As fontes analisadas (contos, crônicas, romances e epopéia) revelam as implicações históricas que geraram ou mesmo questionaram condutas seja em defesa ou contra os atos brasileiros nos campos de batalha.

A identidade nacional brasileira longe de aparecer como unanimidade entre os combatentes deve ser encarada na multiplicidade. Ou seja, as dificuldades encontradas no front incidiam sobre os atores da guerra como agentes questionadoras da validade do próprio conflito e para criação de imagens de Brasil desagregadoras e distantes dos interesses individuais e coletivos daqueles que participaram dos combates.

Conforme mencionado, instigarei a rica relação entre História e Literatura com o objetivo de colaborar para o estudo da Guerra do Paraguai a partir de escritos literários, que, produzidos por indivíduos influenciados pelos ditames de suas épocas, lançaram suas opiniões e certezas sobre os acontecimentos, pintaram o Brasil sob as cores de suas tintas e penas.

Para maximizar tal intuito, a leitura de teóricos da Literatura que estudam a tipologia dos gêneros literários se faz importante; compreender as diferenciações entre as maneiras de pensar e produzir romances, contos, crônicas e poemas, identificando os estilos próprios dos literatos compilados.

Didaticamente, dividirei esse trabalho em quatro momentos: (1) esboço de um quadro interpretativo da Guerra do Paraguai; (2) reflexão da obra machadiana (contos, crônicas e romance) que elegeram o conflito como motivo; (3) análise do romance memorialístico *A Retirada da Laguna*: episódio da Guerra do Paraguai de autoria do Visconde de Taunay e suas indicações para o estudo deste evento; (4) apresentação do

poema épico *Riachuelo* de Luiz José Pereira da Silva, escrito composto para homenagear as ações da Marinha brasileira na batalha naval de mesmo nome.

Na Guerra do Paraguai se enfrentaram entre 1865 e 1870, esse país e a Tríplice Aliança, composta pela Argentina, Brasil e Uruguai. Foi a maior guerra que o Brasil participou, seja em duração, seja em perdas humanas.

A força de terra que lutou no Paraguai compunha-se de aproximadamente 135 mil soldados, dos quais cerca de 59 mil pertenciam a Guarda Nacional e 55 mil aos corpos de voluntários. Para José Murilo de Carvalho (1998), pela primeira vez em nossa história, brasileiros de todos os quadrantes do país se encontraram e lutaram juntos pela mesma causa. Apesar do recrutamento forçado (verificado na Corte, por exemplo), alguns indivíduos se alistaram por motivos genuinamente patrióticos.

Carvalho (1998) informa que no início da luta, houve entusiasmo cívico e formação de batalhão de voluntários. As primeiras vitórias também causaram comoção nacional. Para ele, a Guerra do Paraguai gerou um sentido coletivo de pátria que começou a desenvolver-se entre a população. Os símbolos nacionais apareciam nas cenas de partida de batalhões e nas vitórias conquistadas. O imperador surgiu como líder máximo da Nação.

No entanto, assim que o conflito se prolongava a animação ia diminuindo, surgiram resistências contra a longevidade da guerra, das condições precárias de vida no front e também pelo excesso de mortes. Por outro lado, o embate marcou o princípio de erosão do sistema monárquico. Nos anos de guerra, o governo brasileiro teve que se dedicar a vencê-la, desviando a atenção das reformas internas. Ademais, foi obrigado a despender enormes gastos com a luta (onze vezes o orçamento governamental para o ano de 1864), criando um déficit público que persistiu até 1889 (CARVALHO, 1998).

A análise de Doratioto (1996) indicou a perspectiva institucional do embate no Prata. O autor apresenta as intenções do Estado imperial brasileiro em transformar o conflito num espaço onde a brasilidade deveria ser fortalecida. A Guerra do Paraguai pôs em risco a vida de milhares de combatentes, produzindo um inimigo concreto e mobilizando sentimentos poderosos.

Esse conflito marcou o apogeu e, paradoxalmente está entre os fatores que levariam ao fim do Estado monárquico brasileiro. Com ele, o Império testou sua

capacidade de travar uma guerra com características inéditas que o obrigaram a mobilizar recursos humanos e materiais em larga escala.

O conflito platino colaborou para o desenlace final do sistema político vigente à época, acelerando as contradições e fragilidades do modelo imperial. Vale indicar as divergências entre o Estado e a Igreja, que terão suas relações estremecidas em virtude da nomeação de eclesiásticos para os altos cargos da Santa Sé no Brasil ser realizada pelo próprio imperador.

Ao enunciar o fortalecimento da identidade nacional brasileira no século XIX, proponho a discussão dos impulsos nos quais se fizeram valer o Império na construção de emoldurações simbólicas, a fim de clamar-se a pátria, seja na luta contra o Paraguai, ou mesmo na recuperação do pretense orgulho perdido diante das “infâmias” declaradas de Solano Lopez.

A segunda metade do século XIX foi vitrine de significativa produção intelectual, num somar em busca de elementos identitários. Literatos, historiadores e jornalistas imbuíram-se do desejo, da vontade e da necessidade de construir/formar a nacionalidade. O projeto político imperial enquanto manifestação de um corpo único e coeso pretendia valorizar esta efervescência para justificar e validar seu objetivo na força do nacionalismo.

As práticas dialógicas do governo e da historiografia oitocentista atribuíram sentidos à guerra a partir de elementos políticos tais como o recrutamento de soldados brasileiros por meio da “Campanha de Voluntários da Pátria” com apelos claramente patrióticos. Tal ação constituía-se num incentivo ao alistamento de voluntários, ensejando brasileiros e brasileiras a praticarem seus patriotismos em nome da defesa dos interesses nacionais.

Agora passo ao estudo da obra de Machado de Assis (romance, contos e crônicas) que elegeu a Guerra do Paraguai como motivo, procurando elucidar a controversa opinião daquele literato, que ora defendeu a necessidade do conflito, mas que também criticou a validade dos embates.

Primeiramente, podemos visualizar um literato que se mostrou, de início, fiel ao sentimento patriota, atuando como um ideólogo do Império e convencido da justeza da guerra. Machado trouxe para si o “espírito do vingador”, que lutará por seu país contra a “tirania”, a favor da “civilização” e decependo a “barbárie”. Sua arma? A pena que

delineou imagens para trazer adeptos à causa nacional, unindo brasileiros em nome do país.

Posteriormente reflito em torno das formulações literárias machadianas que indicam relevantes cenas da Guerra do Paraguai, personagens que se alistaram por motivos personalistas, de cunho pessoal, que questionaram o conflito e os rumos da política imperial.

As linhas que se seguem pretendem revelar quais os entendimentos elaborados por Machado de Assis sobre a Guerra do Paraguai. Agora discutirei as figuras literárias e históricas construídas nas crônicas machadianas, estilo que nosso escritor desenvolveu com sabedoria e maestria.

Na composição das crônicas, os recursos técnicos como o diálogo, a síntese narrativa, a criação de personagens, a descrição de ambientes e situações, mais o tom jornalístico, de informação imediata, perduram, quase sempre explorando o lado ridículo e de humor da existência. Nesse sentido, a crônica é uma expressão literária híbrida, nela os gêneros literários não se excluem, ao contrário, incluem-se (BRASIL, 1979).

Para Massaud Moisés (2004: 111) “a crônica de feição moderna” é elaborada a partir dos entendimentos individuais e próprios que seus autores geram diuturnamente. O lugar para que o espectador cotidiano possa dramatizar o mundo circundante: “poder de recriação da realidade sobre o de mera transcrição”.

Ao examinar as crônicas machadianas que elegeram a Guerra do Paraguai enquanto tema não devemos perder de vista o comportamento controverso de seu autor. Um escritor inicialmente influenciado pela política imperial que funcionou como propagandista do *status quo* estabelecido, e anos mais tarde, revelou uma súbita mudança de atitude na visualização dos direcionamentos sociais do Brasil oitocentista.

Nesse ínterim, examinando as crônicas dos anos de 1864-1865 observei uma temática particularmente patriota, construtora de imagens literárias que exaltavam a Nação e fortaleciam o sentimento revanchista contra os paraguaios. Machado fez apelos ao sexo feminino para que se sacrificasse para o bem do país. As mães deviam estimular seus filhos a lutarem pelo Brasil contra o Paraguai:

Não nasceste para a guerra, isto é, para a guerra da pólvora e da espingarda. Nasceste para outra guerra, em que a mais inábil e menos valente vale por dois Aquiles. Mas nos momentos supremos da pátria não sois das últimas. De qualquer modo ajudais os homens. Uma, como a mãe espartana arma o filho e o manda para a batalha; outras bordam uma bandeira e a entregam aos soldados; outras costuram as fardas dos valentes; outras dilaceram as próprias saias para encher os cartuchos; outras preparam os fios para os hospitais; outras juncam de flores os caminhos dos bravos.

Voltará aquele filho antes da desfronza da pátria? Deixarão os soldados que lhes arranquem aquela bandeira? Entregarão as fardas que vestem? Sentirão os ferimentos quando aqueles fios hão de curar?

Ao par da santa idéia da pátria agravada, vai na imaginação dos heróis a idéia santa da dedicação feminina, das flores que aguardam, das orações que os recomendar de longe. É assim que ajudais a fazer a guerra. Deste modo estais acima daquelas aborrecidas Amazonas, que a pretexto de emancipar o sexo, violavam as leis da natureza, e mutilavam os divinos presentes do céu. (MACHADO DE ASSIS, 1957: 294-5).

Ainda imbuído pela intenção de defender os objetivos nacionais, Machado de Assis criticou a ação dos diplomatas durante o conflito, que, de acordo com o autor, não conseguiram bons frutos de suas negociações.

O que é a ação! Alguns dias de combate fizeram mais do que longos anos de polêmica diplomática. Bem podia ter-se poupado o papel que se gastou em notas e relatórios: eram mais algumas libras de pólvora.

Com selvagens não há outro meio.

Mas era preciso que a diplomacia gastasse o seu tempo e o seu papel por dois motivos: o primeiro era mostrar que os sentimentos do império não eram hostis à liberdade interna da república, o segundo era dar expansões ao próprio espírito da diplomacia, que, de ordinário, faz menos no gabinete do que o soldado no campo.

Se os diversos representantes do império que tratam por tantos anos das reclamações brasileiras em Montevideu me prometem, sob palavra, que não tiram destas linhas nenhuma alusão pessoal, acrescentarei aquilo que já foi escrito e repetido um milhão de vezes, em toda a língua a saber: que a diplomacia é a arte de gastar palavras, perder tempo, estragar papel, por meio de discussões inúteis, delongas e circunloquções desnecessárias e prejudiciais (MACHADO DE ASSIS, 1946 :296).

Curioso notar que os elogios às ações militares brasileiras no front irão se converter mais tarde, numa reflexão em torno da necessidade da luta armada em detrimento aos possíveis equívocos cometidos pelas missões diplomáticas.

Em 11 de novembro de 1894, o escritor indicou os sinais de nostalgia, sentiu a força da inexorabilidade do tempo, questionando até a existência física do Paraguai. Deixo o *Bruxo do Cosme Velho* falar:

Sacudi fora os jornais e cheguei à janela. A antigüidade é boa, mas preciso descansar um pouco e respirar ares modernos. Reconheci então que tudo hoje me anda impregnado do antigo, e que por mais que busque o vivo e o moderno, o antigo é que me cai nas mãos. Quando não é o antigo, é o velho, Gladstone substitui Virgílio. A comissão uruguaia está trazendo medalhas comemorativas da campanha do Paraguai, não sendo propriamente antiga, fala de coisas velhas aos moços. Campanha do Paraguai! Mas então, houve alguma campanha do Paraguai? Onde fica o Paraguai? Os que já forem entrados na história e na geografia, poderão descrever essa guerra, quase tão bem como a de Jugurta. Faltar-lhes-á, porém, a sensação do tempo. Oh! A sensação do tempo! A vista dos soldados que entravam e saíam, de semana em semana, de mês em mês, a ânsia das notícias, da leitura dos feitos heróicos, trazidos de repente por um pacote ou um transporte de guerra. Não tínhamos ainda este cabo telegráfico, instrumento destinado a amesquinhar tudo, a dividir as novidades em talhadas finas, poucas e breves. Naquele tempo as batalhas vinham por inteiro, com as bandeiras tomadas, os mortos e os feridos, número de prisioneiros, nomes dos heróis do dia, as próprias partes oficiais. Uma vida intensa de cinco anos. Já lá vai um quarto de século. Os que ainda mamavam quando Osório ganhava a grande batalha, podem aplaudi-lo amanhã revivido no bronze, mas não terão o sentimento exato daqueles dias (MACHADO DE ASSIS, 1986: 689-91).

Aponto a singular diferença entre o escritor de 1864-5 e o de 1894: aqui a guerra já fora um evento conformado, talvez esquecido por alguns. A menção ao tempo foi característica marcante na crônica anterior. *O Bruxo do Cosme Velho* questionou o conflito. A justiça e a honra não são mais atributos tão caros que justificassem perdas humanas. Machado de Assis sentiu a necessidade de reviver o clima de combate, um ambiente de efervescência, uma fábrica heróica com homens dispostos a defender a pátria.

O autor indagou a validade do conflito e as conseqüências dos esforços dispensados. Os contrastes com os conteúdos e as temáticas das crônicas de 1864-5 são evidentes. Somos atropelados por um ceticismo poderoso e motivado pela saudade dos tempos idos. Dessa maneira, Machado de Assis não conseguia compreender a vida após a Guerra do Paraguai. Homem que clamava por heróis e, então arrependido, chamava o nome dos mortos.

Há significativa diversidade de opiniões no que tange a relação do conflito quanto à construção de sentimentos pátrios. Nas crônicas machadianas parece inegável a relativa força da guerra como elemento de formação da identidade brasileira.

Ao contrário, nos contos e no romance analisados a seguir, a construção literária verteu-se em interessante ação corporificada em suas personagens. A necessidade do

conflito foi configurada a partir dos elementos circunstanciais que moveram indivíduos a alistarem-se para os combates na região platina.

Neste momento, uso três contos e um romance de Machado de Assis como fontes históricas: *Troca de Datas*, *Uma Noite*, *Um Capitão de Voluntários* e o romance *Iaiá Garcia* (todos eles escritos após a guerra) lançando luzes tanto sobre o comportamento do autor diante da sociedade na qual vivia e principalmente como informante das sociabilidades vivenciadas no Brasil oitocentista.

O romance é considerado por alguns estudiosos como a mais completa de todas as formas artísticas. O termo *Romanço* designava qualquer língua romântica falada nas regiões ocupadas pelos romanos, e, que se diferenciava do latim. Mais tarde, o vocábulo passou a designar as obras literárias da Idade Média que eram escritas numa língua romântica, diversa do latim, eram obras em prosa e verso, acessíveis ao grande público. Daí o romance “passa a ser caracterizado como uma obra ficcional, apresentando uma pluralidade de conflitos, de ações, de episódios, de personagens, atingindo uma cosmovisão, num horizonte largo da condição humana” (BRASIL, 1979).

Salvatore D’Onofrio define o conto como uma “forma narrativa produzida por um autor historicamente conhecido, referindo-se a um episódio da vida real, não verdadeiro por ficcional, mas verossímil”. O fato narrado não aconteceu, mas poderia acontecer. Para ele, a principal regra do conto é ater-se ao real, não fugindo, portanto, do princípio da verossimilhança. D’Onofrio entende que o conto exprime grande densidade dramática, condensando sentidos: “uma pequena história vivida por algumas personagens cujo desfecho leva o leitor a deduzir a parcela de sentido do mundo que a narrativa encerra” (D’ONOFRIO, 2007: 95-96).

O primeiro conto a tratar da temática da guerra foi *Troca de Datas*, publicado em 1883. Esta composição literária mostrou a mudança na percepção machadiana do conflito: “razão dada foi a guerra do Paraguai; e com efeito, ele ofereceu os seus serviços ao governo; mas não há inconveniente que uma razão nasça com a outra, ao lado ou dentro de si mesma” (MACHADO DE ASSIS, 1986: 936).

A motivação circunstancial reaparece no conto *Uma Noite* de 1895, evidenciado e personificado tanto no personagem Isidoro quanto no alferes Martinho, que utilizaram o front como espaço de fuga/tratamento para seus problemas pessoais. O patriotismo é posto em segundo lugar:

Você sabe que não tenho nem pai nem mãe – começou a dizer o Tenente Isidoro ao Alferes Martinho. Já lhe disse também que estudei na Escola Central. O que não sabe é que não foi o simples patriotismo que me trouxe ao Paraguai. Também não foi a ambição militar. Que sou patriota, e me baterei agora, ainda que a guerra dure dez anos, é verdade, é o que me agüenta e me agüentará até o fim. Lá postos de coronel nem general não são comigo. Mas, se não for imediatamente nenhum desses motivos, foi outro; foi outro, uma alucinação: minha irmã quis dissuadir-me, meu cunhado também; o mais que alcançaram foi que não viesse soldado raso, pedi um posto de tenente, quiseram dar-me de capitão, mas fiquei tenente (MACHADO DE ASSIS, 1986: 1093).

O último dos três contos em que a guerra desempenha papel importante é *Um capitão de voluntários*, publicado em 1906. Neste caso, a interpretação da guerra não trouxe consigo sentidos notadamente alegóricos, mas procurou representar um pretexto para que o herói Emílio se alistasse e mostrasse sua nobreza estóica, quando a mulher com quem conviveu durante anos o traiu com o narrador da história. Interessante notar, que a ida de Emílio ao campo de batalha se deu a favor de sua incredulidade quanto à guerra. Para ele, o Brasil deveria ter apoiado o Paraguai: “ora porque não! E depois, a guerra do Paraguai, não digo todas as guerras, mas, palavra, não me entusiasma” (MACHADO DE ASSIS, 1986: 688).

No romance *Iaiá Garcia* de 1878 são vários os indícios de alistamento motivado por questões privadas. Um dos personagens da trama irá ao Paraguai fomentado por dois princípios: dar a sua amada uma prova de amor e despojamento, e, gerar em sua mãe o arrependimento por tentar separá-lo de sua amante, pois ela julgava o casamento algo impensável e despropositado.

Ele via já naquilo uma aventura romanesca e misteriosa, sentia-se uma ressurreição de cavaleiro medievo, saindo a combater por amor a sua dama, castelã opulenta e formosa que o esperaria na varanda gótica, com a alma nos olhos e os olhos na ponte levadiça. A idéia da morte ou da mutilação não vinha agitar-lhe ao rosto suas asas pálidas e sangrentas. O que ele tinha diante de si eram os campos infinitos da esperança” (MACHADO DE ASSIS, 1997: 20).

A opinião de Machado sobre a guerra, apresentada nos contos e no romance, na medida em que foi possível reconstruí-la, mostrou-se notadamente abrangente. Ele a encarou em descortínio, como uma disputa cruel, violenta e ao mesmo tempo estúpida,

como uma fusão de interesses do Brasil e do Paraguai (que inclui a compreensão de que as nações, bem como os indivíduos, podem agir contra seus próprios interesses).

Conforme anunciado no princípio deste artigo irei apresentar alguns sentidos históricos atribuídos pelo Visconde de Taunay ao elaborar o romance histórico *A Retirada da Laguna* publicado em 1871 e escrito a partir das observações e experiências vividas por este autor durante o evento da guerra que ficou conhecido como Retirada da Laguna (1865-1867).

Em linhas gerais o romance de Taunay narra a viagem de uma coluna expedicionária brasileira que partiu de São Paulo em 1865 com a missão de repelir os paraguaios no sul da província de Mato Grosso, percorrendo 2200 quilômetros chegando ao Paraguai em 1867 e adentrando 30 quilômetros até a fazenda Laguna (DORATIOTO, 2002: 566).

A Nação é visualizada a partir de dois princípios: da alma, traduzida como resultado de um “passado heróico, de grandes homens e de glórias comuns”, mas também constituído por sacrifícios “em prol de uma grande comunidade solidária”. Para Taunay a participação na guerra era “motivo de glória e de fama”, “acima de qualquer outra manifestação visível” (CASTRILLON-MENDES, 2008: 238).

No prólogo do romance, o escritor relembra os sofrimentos a que foram acometidos seus camaradas, dedicando suas lembranças aqueles que como ele se bateram por seu país. No trecho abaixo, o autor esclarece o motivo e a intenção de sua obra:

É assunto deste volume a série de provações por que passou a expedição brasileira, em operações ao Sul do Mato Grosso, no recuo efetuado desde a Laguna, a três léguas do rio Apa, fronteira do Paraguai, até o rio Aquidauana, em território brasileiro, trinta e nove léguas, ao todo, percorridas em trinta e cinco dias de dolorosas recordações. Devo essa narrativa a todos os meus irmãos de sofrimento, aos mortos ainda mais que os vivos.

Em todas as épocas largo interesse se ligou às retiradas, não só por constituírem operações de guerra difíceis e perigosas, como nenhuma outra, mas ainda porque os que a executaram, já sem entusiasmo nem esperança, frequentemente entregues ao desânimo, ao arrependimento de erros ou das conseqüências de erros, precisam arrancar aos espíritos, assim preocupado, aos meios de enfrentar a fortuna adversa, que de cada passo as ameaças, com todos os seus rigores. Em tais contingências requer-se o verdadeiro cabo de guerra; ali há de se lhe revelar o característico essencial: a inabalável constância (TAUNAY, 1997: 31).

Uma das características marcantes da *Retirada da Laguna* é apresentar a série de dificuldades pelas quais passaram os brasileiros incumbidos na invasão do norte paraguaio. Taunay critica o excesso de atenção por parte das forças aliadas (Brasil, Argentina e Uruguai) em defender exclusivamente o sul dos ataques paraguaios: “no momento em que começa esta narrativa, a atenção está voltada quase exclusivamente para o sul” (TAUNAY, 1997: 37).

O autor também reclama que a estratégia inicial de combate incluía reforço militar às duas frentes de batalha, mas que na prática não se verificou: “o plano primitivo fora praticamente abandonado, ou pelo menos, outra função não teria senão submeter às mais terríveis provações um pequeno corpo do exército quase perdido nos vastos espaços desertos do Brasil” (TAUNAY, 1997: 37).

Em outro trecho, Taunay relaciona o sofrimento vivenciado durante a retirada como uma demonstração de bravura e de heroísmo, condições necessárias para o elogio das qualidades brasileiras. Aqui o cenário se revela ainda mais dramático: “avançamos assim o dia inteiro, entre as aclamações dos nossos, aos gritos agudos ferozes do inimigo, aos mugidos do gado, às explosões da pólvora, à desordem dos homes e das coisas, num caos de fumaça e poeira” (TAUNAY, 1997: 128-29).

Vários momentos do romance assinalam o maior fator de mortandade durante a guerra. A constante presença de doenças cujas curas eram então desconhecidas, ambiente que assolou significativa porção do contingente militar envolvido no conflito, sejam aliados ou paraguaios: “a comissão de engenheiros muitas vezes pronunciou-se energicamente contra uma permanência mais prolongada neste foco de infecções” (TAUNAY, 1997: 43).

A luta pela vida a qualquer preço também chamou a atenção de Taunay, pois alguns de seus compatriotas perderam o senso de humanidade, qualidade perdida na crueldade e no sofrimento da guerra. O trecho a seguir elucida bem o estágio de indignidade que a guerra trazia:

Foram, por isso mesmo, mais cruéis com os cavalos, não poupando um só, quer estivesse estendido no chão e com alguns sinais de vida, quer ferido ligeiramente, a pastar ainda com os arreios. Vimos que, além disso, como complemento inevitável destas cenas deploráveis, a pilhagem desenfreada a que se entregaram os mascates e os acompanhantes do exército; as próprias mulheres participaram do saque. Eram corpos despidos e revistados, e os despojos ensangüentados passavam de mão em mão como mercadorias muitas vezes disputadas com violência. (TAUNAY, 1997: 145)

De modo geral, o romance aqui analisado indicou vários elementos do cotidiano dos brasileiros em retirada do território paraguaio. No entanto, há momentos em que Taunay desejou evidenciar melhor as características de seu dia-a-dia e de seus irmãos de armas.

Avançávamos em boa ordem, quando de repente ouvimos o estrépito de uma fuzilaria: era a nossa vanguarda que, ao costear um capão, fora atacada por uma partida de infantaria inimiga ali emboscada. Algumas balas, passando por cima das fileiras, caíram num grupo de mulheres que seguia tranquilamente ao lado dos soldados, arrancando delas tal explosão que ficamos por um momento sem saber o que estava acontecendo. Este terrível tumulto durou pouco; nossos homens, precipitando-se resolutamente sobre o inimigo, conseguiram desalojá-los e em seguida empurrá-los até a primeira encosta do planalto onde estava a fazenda Laguna (TAUNAY, 1997: 121).

O estudo da *Retirada da Laguna* competiu para o entendimento da Guerra do Paraguai como um instante utilizado para a construção da identidade nacional brasileira. Longe de ser um espaço estanque e autodeterminado de emoldurações simbólicas, aquele evento gerou múltiplos sentimentos de brasilidade, seja de acompanhamento e defesa dos interesses do Império ou mesmo em busca da solução exclusiva para problemas pessoais.

Ao mesmo tempo em que as grandes distâncias, a fome, a miséria, as doenças e as intempéries naturais minavam e exterminavam os brasileiros; raros momentos de desfrute à natureza, de risos e contemplações animavam as tropas. Portanto, em meio a tristezas e breves prazeres, os entendimentos de Brasil iam se formando, na luta contra um inimigo concreto, mas também no questionamento da necessidade do confronto. Vários Brasis em múltiplas identidades, formados na pluralidade cotidiana.

Por fim trarei ao diálogo o poema épico *Riachuelo*, escrito por Luiz José Pereira da Silva e publicado em 1883. Conforme procedi na leitura das fontes machadianas e da *Retirada da Laguna* creio necessário informar o conceito de epopéia, visando a adequada explicitação do caráter tipológico e da escolha em ler aqueles escritos como sinais da formação de possíveis espaços identitários no que tange a Guerra do Paraguai.

Para Massaud Moisés (2004: 152) a poesia épica é elaborada tendo como motivo um “assunto ilustre, sublime, solene, especialmente vinculado a cometimentos bélicos” elegendo “acontecimentos históricos, ocorridos há muito tempo”. O poeta procura dar

forma ao lendário, liberta o “produto da sua fantasia” intenciona registrar um acontecimento que julga extraordinário e merecedor de registro perpétuo.

Luiz José Pereira da Silva organizou a epopéia em cinco cantos, esclarecendo desde o primeiro momento o motivo primeiro de sua narrativa: “Eu canto os bravos da brazileia armada; Que de havel-os por prole a patria exulta; Por estes negra affronta foi vingada; Em troca dando a vida a gente stultua¹ (SILVA, 1883: 1). O autor indica desde o primeiro verso o heroísmo dos brasileiros e aponta a derrota aplicada aos paraguaios: “Do rio a onda, Em cuja riba inculta; Da pugna horrível aos destroços, restao; Que seu valor ao mundo claro, Attestão (SILVA, 1883: 1).

A batalha naval de Riachuelo (11 de junho de 1865) foi deflagrada na curva do rio Paraná, defronte à foz de um riacho conhecido como Riachuelo, devido as suas pequenas proporções. Os navios eram obrigados a navegarem muito próximo a margem esquerda do rio, num canal tortuoso e estreito, causando dificuldades de navegabilidade às embarcações brasileiras, pouco afeitas à navegação fluvial. Estrategicamente, os paraguaios instalaram trinta canhões ao longo da margem tentando impedir a passagem naquele trecho do rio (DORATIOTO, 2002: 148).

A função exercida pelo autor de *Riachuelo* pareceu clara, coadunava com os interesses do Império na luta contra o Paraguai, agindo como espécie de ideólogo, justificando a própria necessidade da guerra, feita contra “fracos inimigos atrasados” (SILVA, 1883: 3).

Em outro momento, Pereira da Silva foi enfático ao associar a honrada morte em prol dos valores brasileiros: “Mas dor não há no peito varonil; O coração não treme palpitante; Nem corre o pranto em rosto juvenil; Nem há tristeza ou magoa no semblante; Do que sucumbe em honra do Brazil [...]” (SILVA, 1883: 113).

A epopéia *Riachuelo* parecia reforçar as idéias de Nação enquanto tentativa forjada de aglutinar “sentimentos íntimos da personalidade e da afinidade básica do grupo” (BOBBIO, 2002: 797). Para Bauman (2005: 27), a identidade nacional foi e continua sendo uma “noção agonística e um grito de guerra”, um grupo de indivíduos sendo sobrepujados pela “comunidade nacional coesa”.

¹ Optei em manter a grafia original do poema. A sonoridade das rimas depende da maneira como a escrita se apresenta.

O desejo de registrar aquele feito espetacular está evidenciado no terceiro verso do primeiro canto da epopéia: “De puro patriotismo, e tu, sagrado; Amor da pátria, Que minh’alma inflamas, Inspira-me, E direi porque assombrado” (SILVA, 1883: 2). A missão em legar às futuras gerações a lembrança da vitória é manifesta: “Da historia do passado que o engrandece” (SILVA, 1883: 2).

Novamente no primeiro canto, mas no sexto verso, Pereira da Silva revela sua intenção: “Diga pois, o meu canto a gloria inteira; Da peleja nas águas, alcançada; Da livre e nobre gente brasileira; O valor, a coragem sublimada (SILVA, 1883: 4). A oposição indica o combate dos “fracos” contra os “sublimes”. Para o autor uma luta justa e fiel, portanto.

Os sofrimentos proporcionados pela guerra são associados a valores patrióticos. Morrer pelo país se convertia em ação digna de elogio e de recordação:

*De cada filho ausente cada parte
Da cidade e contorno é lembrada:
Pedregoso gigante, que reparte
Por montes e por mares, de arrojada,
A sombra, que tristezas nunca farte,
Em negra cor transforma a azulada
Côr do bosque, da onda, e cor do céu,
Qual n’um rosto formos um negro véo.
Por tal modo revive em cada mente
Lembrança do lugar que nasceu;
De onde um dia apartou-se de repente
Quando o grito de guerra a pátria deu,
E buscando onda inimiga e inclemente
Cada vaso se moveu;
Até aqui alli unidos na coragem
Unida nelles vive a pátria imagem.
(SILVA, 1883: 10-11).*

O poema épico Riachuelo parecia possuir uma função bem delimitada: poetizar um evento histórico brasileiro onde a participação do país foi marcante, dar significados que possam confirmar a força da identidade brasileira perante outros atributos estrangeiros.

Semelhante interpretação dos embates também foi pontuada tanto por Machado de Assis (em suas crônicas), bem como em alguns trechos da *Retirada da Laguna*. Os três autores aqui analisados visualizaram a contenda como justificável do ponto de vista

bélico. O entendimento da Nação ultrajada (Brasil) em seu estado civilizacional avançado contra os insultos e desavenças geradas por um país atrasado e “bárbaro”.

O literato de *Riachuelo* publicou este poema quase vinte anos (1883) após o fim da Guerra do Paraguai. Sua intenção se mostrou clara, registrar um acontecimento histórico como a epopéia de uma população retirada de seu estado de paz devido às agressões impensadas de um líder irracional. Diferentemente dos escritos machadianos e da *Retirada da Laguna* que ora elogiaram o conflito ora o desabonaram, Pereira da Silva funcionou como um porta-voz das intenções imperiais, interessado também em forjar uma identidade uma e coesa, sem falhas e dissensões.

Em suma, o presente trabalho tentou apresentar caminhos para a interpretação do conflito por meio do estudo de fontes literárias diversas, objetivando descortinar a formação da identidade nacional nas vozes registradas no momento ou mesmo após os combates.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. v.2. Brasília/São Paulo: EdUnB; Imprensa Oficial do Estado, 2002.

BRASIL, Assis. **Dicionário Prático de Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Ouro, 1979.

CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs.). **A História Contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e bordados**: escritos de história e política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, 2007.

DORATIOTO, Francisco Fernando de Monteoliva. **O conflito com o Paraguai: a grande guerra do Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Maldita guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. **Crônicas**. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1946.

_____. **Crônicas**. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1957.

_____. Contos. COUTINHO, Afrânio (org.). **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

_____. **Iaiá Garcia**. São Paulo: Globo, 1997.

MENDES-CASTRILLON, Olga Maria. Taunay viajante: uma contribuição para a historiografia literária brasileira. **Revista do IEB**. n. 46, fev. 2008, p. 217-240.

MIGNOLO, Walter. A lógica das diferenças e políticas das semelhanças da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa. CHIAPPINI, Lígia & AGUIAR, Flávio Wolf de. **Literatura e História na América Latina**. São Paulo: Edusp, 1993.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras da ficção: diálogos da História coma Literatura. **História: Fronteiras**, XX Simpósio Nacional da ANPUH. São Paulo: Humanitas, FFCHL/SP, ANPUH, 1999.

REIS, José Carlos. **A Escola dos Annales: a inovação em História**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SILVA, Luiz José Pereira da. **Riachuelo: poema épico em cinco cantos**. Rio de Janeiro: Leuzinger e Filhos, 1883.

TAUNAY, Alfredo de Escragnole. **A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.